

O comércio aos domingos

Estranhável, por todos os títulos, a insistência do Sindicato dos Comerciários do DF na tese de fechamento do comércio em Brasília e nas cidades-satélites aos domingos. Mais que buscar no Poder Judiciário as medidas legais para impedir a abertura das lojas, os sindicalistas tentaram, inutilmente, no final de semana, obstar por meios condenáveis o funcionamento dos estabelecimentos comerciais. Agiram em pura perda. A presença do público aos grandes shoppings foi expressiva. Segundo empresários, mais de 200 mil pessoas foram às compras, numa clara demonstração de que há espaço e trabalho em graus suficientes, dando conteúdo à decisão do Sindicato dos Lojistas em se valer da abertura legal que o presidente da República proporcionou, revogando dispositivos que cerceavam o funcionamento dominical de tão importante segmento da economia.

Mais ainda, a reação favorável do público demonstra claramente a oportunidade de uma licença que tem a consolidá-la e a justificá-la a ocorrência de uma crise financeira sem precedentes no País. Tal circunstância reclama mais diversificação nas atividades econômicas e maior mobilização da mão-de-obra com vistas à ampliação dos negócios e a ganhos salariais extras. Há uma lógica transparente nas causas e nos efeitos dessa inovação nas atividades do setor de trocas na capital da República. Avaliando a clareza da iniciativa estão as 200 mil pessoas que saíram às ruas para atender à necessidade de comprar.

A persistência dos sindicalistas se apresenta com inequívocas características de motivação política, desligada por inteiro dos interesses dos próprios trabalhadores.

O funcionamento do comércio aos domingos já ganhou o domínio público. Os municípios do interior absorveram rapidamente as vantagens de um procedimento empresarial que adiciona uma componente a mais nas relações econômicas. O Entorno do DF fervilha aos domingos, o mesmo ocorrendo Brasil afora.

Brasília, como centro de atração turística, é destino final para um fluxo de visitantes que aqui comparecem nos fins de semana. O turismo, como indústria sem chaminés, atrai para estas paragens uma categoria de público de alto poder aquisitivo, razão básica para que se multipliquem os programas de entretenimento, de lazer e de compras.

Assinale-se, finalmente, a urgente necessidade de resguardar-se o aspecto social, preservando as conquistas das classes assalariadas e contabilizando, com exatidão, os ganhos a que fazem jus, pelas jornadas extras de trabalho a que estarão obrigados. Há interesses a conciliar e que harmonizem as relações entre o capital e o trabalho, retirando desse contencioso as áreas de turbulências trabalhistas. Feitos os ajustes, o problema principal será equacionado mediante a administração de pequenas questões que a seu tempo serão resolvidas. No interesse geral e em favor da comunidade.